

**A AUSÊNCIA COMO PRESENÇA:
UMA DISCUSSÃO SOBRE O DISPOSITIVO PRONOMINAL
TRINITÁRIO**

**THE ABSENCE AS PRESENCE:
A DISCUSSION ON THE TRINITARIAN PRONOMINAL DEVICE**

André Rodrigues da Silva¹

RESUMO: Neste artigo, proponho a discutir e refletir sobre o dispositivo trinitário pronominal de Dany-Robert Dufour, a fim de pensar o seu uso na análise do texto literário. Com isso, utilizaram-se excertos da obra *O Estrangeiro* (1942), de Albert Camus, a fim de pensar na reversibilidade pronominal, o *eu* e o *tu*, diante da oposição que se instaura ao *ele*, no texto literário. Dividida em duas partes, *O Estrangeiro* traz Meursault, que sofre uma reviravolta em sua vida após cometer um assassinato no final da primeira parte do livro. A partir disso, na segunda parte, Meursault se vê cada vez mais distante do seu lugar no discurso, fora da reversibilidade entre *eu-tu*, na medida em que ele é relegado ao papel de não-pessoa, o *ele*. Pretendo, portanto, mostrar como a ausência *re*-presentada nesse campo discursivo da reversibilidade, pode ser caracterizada como uma presença desse ausente, o *ele*, a partir de Dufour (2000), na instância discursiva e intersubjetivante entre os falantes *eu-tu*, assim como trazer um ponto de vista particular para a análise da obra, mostrando o personagem-narrador em meio à alternância pronominal instaurada na obra de Camus. Aponto também, como base fundadora do dispositivo pronominal, a teorização advinda da Filosofia da Linguagem e de Émile Benveniste, sustentando a problematização evocada neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: *O Estrangeiro*. Dispositivo pronominal. Língua. Literatura. Dufour.

ABSTRACT: In this paper, the proposal is to discuss and reflect on Dany-Robert Dufour's Trinitarian pronominal device, to reflect on its use in the analysis of the literary text. For this, it was used excerpts from the book *The Stranger* (1942), by Albert Camus, to think about the pronominal reversibility, the "I" and the "you", in the face of the opposition that is established to the "he", in the literary text. Divided into two parts, *The Stranger* features Meursault, who suffers a twist in his life after committing a murder at the end of the first part of the book. Following this, in the second part, Meursault finds himself increasingly estranged from his place in discourse, outside the reversibility between I-you, as he is relegated to the role of a non-person, the "he". Therefore, the main objective is to show how the absence re-presented in this discursive field of reversibility, can be characterized as a presence of this absent, the "he", from Dufour (2000), in the discursive and intersubjective instance between the speakers I-you, as well as bring a particular point of view to the analysis of the book, showing the character-narrator amid the pronominal alternation established in the work of Camus. I also point out, as

¹ Doutorando em Texto, Discurso e Relações Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Pelotas. Mestre em História e Filosofia da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas. E-mail: andresilva537@gmail.com.

the founding basis of the pronominal device, the theorizing from the Philosophy of Language and Émile Benveniste, sustaining the problematization mentioned in this article.

KEYWORDS: The Stranger. Pronominal device. Language. Literature. Dufour.

Introdução

Na obra *Os Mistérios da Trindade*, o filósofo Dany-Robert Dufour (2000) propõe um “tratado” (2000, p. 11) do trinitário. Tal pensamento surge através da problemática gerada na história da civilização diante de narrativas sociais sobre, por exemplo, o desejo pelo eterno e o medo pela morte. Com isso, a instauração de um pensamento e um agir binário em uma sociedade que busca, através das suas realizações, calcar as ações em prol de um exercício singular, uno e ilusório, torna o *eu* como aquele que não possui um lugar e, por conta disso, há uma impossibilidade para a intersubjetividade.

O problema que Dufour levanta em seu livro acerca do trinitário articula uma espécie de correção ao “erro unário” (DUFOUR, 2000, p. 103). Esse “erro” seria o pensamento somente sobre o *eu* reflexivo, excluindo toda e qualquer outra forma de relação, binária e trinitária. Se o agir girasse apenas em torno do que Dufour entende por “erro unário”, não haveria desdobramentos, intersubjetividades, e a linguagem, segundo o filósofo, “falaria sozinha” (2000, p. 103).

Segundo Dufour, o homem binário “quer a eternidade” (2000, p. 11) para, com isso, se tornar um “super-homem” (2000, p. 11). Recorrendo a Nietzsche, sobretudo às obras *Aurora*, de 1881, e *Gaia, ciência*, de 1882, Dufour afirma que o desejo pelo eterno e a vontade pela cobiça levará a humanidade, de acordo com *Assim Falou Zaratustra* (1883), para a não-morte, a realização da história e o além-homem². Na obra de Nietzsche, encontra-se na teoria sobre o além-homem a discussão binária que Dufour evoca em *Os mistérios da trindade*, procurando mostrar como o sujeito e o mundo binário buscam selar um fechamento, impossibilitando o novo através da experiência do trinitário.

² “Eles possuem algo de que se orgulham. Como chamam mesmo o que os faz orgulhosos? Chamam de cultura, é o que os distingue dos pastores de cabras. Por isso não gostam de ouvir a palavra ‘desprezo’ quando se fala deles. Então falarei ao seu orgulho. Então lhes falarei do que é mais desprezível: ou seja, do *último homem*.” E assim falou Zaratustra ao povo: É tempo de o homem fixar sua meta. É tempo de o homem plantar o germe de sua mais alta esperança [...] vede! Eu vos mostro o *último homem*. ‘Que é amor? Que é criação? Que é anseio? Que é estrela?’ — assim pergunta o último homem, e pisca o olho. A terra se tornou pequena, então, e nela saltita o último homem, que tudo apequena. Sua espécie é inextinguível como o pulgão; o *último homem* é o que tem vida mais longa. ‘Nós inventamos a felicidade’ — dizem os *últimos homens*, e piscam o olho” (NIETZSCHE, 2011, p. 16).

No que tange à binariedade, ela sempre procurou investir na “presença sempre outra do mesmo” (DUFOUR, 2000, p. 356), ou seja, na formalização de maneiras únicas de fala, de existência e de pensar. O que antes era recusado pelos pitagóricos, sobretudo com relação à recusa da relação trinitária, ao longo da história foi-se, também, findando relações “desligadas das necessidades de representações de uma ausência” (2000, p. 355).

O trinitário surge, por sua vez, a fim de romper com o dualismo. Se há, na sociedade binária, uma coexistência da presença entre dois locutores, o trinitário será o espaço interlocutório da “copresença como lugar para a ausência” (2000, p. 55). A ausência denotada pelo *ele*, a não-pessoa como apresentou Émile Benveniste em *Problemas de Linguística Geral I* (2005) e *II* (2006), estará inscrita no espaço discursivo, na instância pela qual ocorre a reversibilidade binária entre um *eu* e um *tu*.

A perspectiva de *ser-ser* (*eu* ser para um *tu* e vice-versa), diante da existência, é proposta de *re-novação* do indivíduo na sociedade, ou seja, oportunidade de continuidade, fluidez e produção deste sempre novo agir. Portanto, a ausência, denotada pelo *ele*, “é o que representa, a todos os instantes, a única perspectiva de homem” (DUFOUR, 2000, p. 55). Contrapõem-se, portanto, a binariedade e a sua “a eficácia das formas unárias” (DUFOUR, 2000, p. 41).

A fim de mostrar de que maneira pode-se discutir sobre essa *re-presentação* da ausência como presença em um texto literário, utiliza-se neste artigo excertos a obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus, para ilustrar o personagem-narrador, Meursault, diante da sua atuação no espaço intersubjetivante do *eu* e do *tu*, na primeira parte da obra, e a sua ausência no espaço discursivo da díade *eu-tu*, na segunda parte da obra.

A alteração do espaço dado a Meursault, ou a falta dele, diante da instância discursiva, é o que produzirá, neste artigo, novos sentidos para a análise do texto através dos princípios fundadores diante de um objetivo de análise. Logo, o embate teórico que há, entre o binário e o trinitário, evocará, na discussão proposta nesse artigo, o dispositivo pronominal diádico (*eu-tu*) e o dispositivo pronominal trinitário (*eu-tu/ele*) na obra de Camus.

Considerando a discussão proposta por Dufour, sobretudo através dos estudos da linguagem, sobre o binário e o trinitário, discutirei primeiramente os princípios fundadores da teorização sobre o dispositivo trinitário pronominal para, a seguir, entrar na análise do texto literário. Para isso, irei recorrer ao linguista Émile Benveniste a fim de construir uma base de discussão para, então, abordar sobre o trinitário a qual Dufour vai refletir em seu livro. Pretendo, com isso, trazer luzes que se possam enriquecer as discussões sobre língua e literatura.

Benveniste e Dufour: princípios fundadores para uma análise literária

Os estudos de língua e literatura propiciam com quem se busquem, na teorização proposta sobre o dispositivo trinitário pronominal, aberturas diante das mais diversas formas de se entender a atuação pronominal dos sujeitos nos estudos da linguagem. Em *Natureza dos Pronomes* (1956), Benveniste propõe que os pronomes não constituem formas únicas, mas “espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos” (BENVENISTE, 2005, p. 277). Enquanto há forma, no que concerne ao uso da sintaxe da língua, há as produções de sentidos que se constituem diante das “instâncias do discurso” (2005, p. 277). Com isso, os pronomes se constituem como problemas de linguagem e de língua, promovendo, assim, a não desassociação entre linguagem e língua.

O homem está na língua, sendo a linguagem constitutiva deste homem. Logo, as discussões sobre cultura, língua e sociedade fazem parte da constituição dos sujeitos no coletivo, estabelecendo ligações e sempre novas produções através da experiência pela linguagem. Para Benveniste, a organização pronominal se dá na linguagem, a partir da língua, diante da reversibilidade entre os falantes e os atos de fala, próprios daquele que enuncia para o outro que escuta (um *eu* que fala para um *tu*). Esse acontecimento pela experiência na linguagem irá sempre *re*-produzir (n)a realidade, pois, segundo Benveniste, “a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento” (BENVENISTE, 2005, p. 26).

O estudo da instância do sujeito, em meio à reversibilidade entre o *eu-tu*, condiciona a reflexão para a intersubjetividade na e pela linguagem, já que a subjetividade do ser, e o que isso implica na sociedade, faz parte de um estudo intercomunicativo, intersocial e intercultural. Novamente no texto *Natureza dos Pronomes* (1956), Benveniste abre caminhos para que se possa discutir sobre a reversibilidade entre o *eu* e o *tu* em oposição a *ele*.

A teorização pronominal proposta por Benveniste perpassa dois planos: as correlações de pessoalidade, em que se tem o *eu-tu* em oposição à não-pessoa, o *ele*, e de subjetividade, na qual se tem o *eu* se opondo ao *tu*, pois o *eu* é sempre transcendente ao não-eu, no caso o *tu* e, com isso, institui-se a intersubjetividade diante desse *eu* que se propõe como sujeito. Só é possível pensar o sujeito na língua porque, segundo Benveniste, “a própria língua revela a

diferença profunda entre esses dois planos” (BENVENISTE, 2005, p. 280). É preciso compreender a manifestação do sujeito no espaço enunciativo a partir do momento em que esse sujeito, através do pronome *eu*, se propõe no discurso como possibilidade de uma fluidez desse *eu* em meio à reversibilidade com um *tu*.

O *eu* pode definir-se como pessoa somente no ato enunciativo do discurso, naquele dado momento de fala e somente dessa maneira serão preenchidos os “signos vazios”, pois o seu preenchimento se dá no processo comunicativo entre aquele que fala e aquele com quem se fala. No texto de 1946, *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, Benveniste afirma que o *ele* “pode servir de forma de alocação em face de alguém que está presente quando se quer subtraí-lo à esfera pessoal do ‘tu’” (BENVENISTE, 2005, p. 254), como também “em testemunho de menosprezo, para rebaixar aquele que não merece nem mesmo que alguém se dirija ‘pessoalmente’ a ele” (2005, p. 254).

Essas prerrogativas enunciadas por Benveniste sobre as pessoas no discurso evocam aberturas para se pensar sobre essa terceira pessoa, o *ele*, em meio ao seu deslocamento do espaço de reversibilidade que há entre a díade *eu-tu*. Ademais, esse espaço de constatação entre o *eu* e o *tu* preenchem os signos vazios, como foi apresentado anteriormente, porém, a ausência do *ele* nessa instância do discurso deve ser vista como presença para a díade pois, como postula Dufour, “é no e pelo trinitário que os homens se formam como sujeitos falantes e formam sociedades” (DUFOUR, 2000, p. 19). A trindade, para Dufour, antecede a crença teológica, pois a busca do filósofo com *Os Mistérios da Trindade* (2000) é mostrar as condições do falante antes mesmo de se pensar sobre “toda a atualização religiosa [...] e a tradição cristã” (2000, p. 17).

Conforme propõe Benveniste (2005, p. 285), “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro”. A experiência do sujeito na linguagem não se constrói em meio à ofuscação do ser, nem do *eu*, muito menos do *tu*, mas na percepção coletiva e contínua da produção intersubjetiva. O mundo se tece por meio da língua e da linguagem, e não o contrário.

Portanto, é na experiência do sujeito, através desse ato de colocar a língua em uso em um processo intersubjetivo na correlação de personalidade, que o *eu* se presentifica nos processos constitutivos de pessoa no discurso. Se, para Benveniste, “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste” (2005, p. 286), tem-se uma perspectiva de ampliação

da discussão benvenistiana sobre os pronomes em Dufour, sobretudo com relação ao que se pode refletir sobre a terceira pessoa, o *ele* diante dos estudos sobre linguagem.

Segundo Teixeira (2012), na interpretação de Dufour sobre o estudo dos pronomes, “em Benveniste encontramos também o reconhecimento de uma amplitude que autoriza a transcender o âmbito da linguística como tal” (TEIXEIRA, 2012, p. 77), ou seja, a constituição do homem na língua permite que o estudo da linguagem possa estender-se a outros domínios de conhecimento, tais como a literatura e a filosofia.

A experiência do acontecimento, de uma nova experiência humana no discurso, evoca uma trindade natural entre aquele que enuncia, pois, para Dufour, aquele que fala está sempre pondo em ato o trinitário. Para tanto, não se tem mais a díade *eu-tu* e a outra díade binária *eu-tu/ele*, mas sim o conjunto trinitário *eu-tu/ele*, pois a ausência denotada no campo de presença pela terceira pessoa é uma “demarcação de ausência” (DUFOUR, 2000, p. 92) que simboliza o espaço discursivo. Logo, segundo Teixeira (2012), “não se está mais diante de uma díade, mas de uma nova relação, impossível de decompor em relações diádicas: a díade *eu-tu/ele*. Ele designa o que não está aqui e agora quando *eu* e *tu* falam” (TEIXEIRA, 2012, p. 78). Complementando o pensamento de Teixeira, recorro a Dufour, citando-o:

"Eu" e "tu" compõem uma alteridade fraca, transitiva, e "eu-tu" e "ele" uma alteridade forte, intransitiva. A primeira alteridade, gerada pela decomposição da forma trinitária "eu-tu/ele", é marcada pelo operador de conjunção "-" e a segunda pelo operador de disjunção "/". Logo, são necessárias duas alteridades para resolver a crise das expressões unárias que invertiam o antes e o depois, o aqui e o ali, a presença e a ausência. O "aqui" e o "agora" estão fixados à relação "eu-tu", o "ali" e a ausência são confinados ao "ele". Nessa medida, as duas alteridades escritas pelo esquema trinitário constituem as condições do discurso (DUFOUR, 2000, p. 102-103).

Propondo ao discurso a presença da ausência denotada por *ele*, a alteridade que se constitui no aqui e agora está, a cada passo, estabelecendo-se através da experiência na linguagem, tendo o ali e a ausência como constituidoras, também, das condições de discurso, como aponta Dufour. Com isso, o trinitário ganha lugar ao persistir em uma continuidade da existência e, para isso, sustenta, através dos sujeitos, os consentimentos sobre as alternâncias que a existência do homem pode experimentar através dos atos que surgem na reversibilidade pronominal.

Ademais, segundo Dufour, “se estamos ainda hoje num espaço trinitário de língua e de pensamento, é porque para administrar a relação vida-morte foi necessário utilizar um dispositivo trinitário” (DUFOUR, 2000, p. 324). Dufour dedica-se a pensar sobre o que chama

de “fenômenos linguísticos” para mostrar que, quando se verbaliza, “todo fato só pode se dar na e pela língua” (2000, p. 325). A fim de corroborar com o que foi dito anteriormente, abaixo, Dufour atenta para o fato de que:

A língua só se constitui como tal (como vetor de um sistema simbólico que permite a gênese social e individual dos sujeitos) integrando-lhe alguma coisa que está radicalmente fora da língua. Quero dizer que é integrando e gerindo a relação vida-morte, de ordem onto, filo e morfogenética, que o sistema simbólico se constitui como tal (DUFOUR, 2000, p. 325).

No que tange à língua, Dufour mostra que ela é indissociável da linguagem, da cultura, do social e do corpo³. Se essa inscrição no espaço discursivo não existisse, não haveria o dispositivo pronominal e, muito menos, “comunicação intersubjetiva” (DUFOUR, 2000, p. 74). Se está sendo falado e pensado sobre o sujeito trinitário, está sendo discutido sobre os pronomes e, sobretudo, sobre linguagem, tendo em vista que “a língua natural, aquela que vocês e eu falamos todos os dias, é habitada pela trindade [...] somos sujeitos do trinitário” (DUFOUR, 2000, p. 16).

A manifestação da língua pelo homem não se transmite, somente, através do ato da fala, mas também pelo próprio corpo, abrindo espaço para que o sujeito e o estudo trinitário ultrapassem margens impostas pelo binarismo. Romper com o binário é, segundo Dufour, diagnosticar o mal-estar do homem, da civilização e do enclausuramento da “trindade pela binariedade” (2000, p. 23). Se tem, com esse rompimento, a expressão interlocutória da ausência no espaço de copresença da díade *eu* e *tu*.

Se “para ser um, é preciso ser dois, mas quando se é dois, de imediato se é três” (2000, p. 55), tem-se a representação do *ele* como perspectiva sempre daquela não-pessoa presentificada no espaço discursivo de *eu* e *tu*. Com esse pensamento, Dufour se aproxima novamente de Benveniste que, em *Problemas de Linguística Geral I* (2005), postula que a experiência só pode ser experimentada por contraste, buscando integrar a relação entre os sujeitos pela experiência na e pela linguagem, através da intersubjetividade.

Como Dufour mostra, a presença é denotada pela copresença entre o *eu-tu*, onde é possível que haja a troca e o preenchimento das conchas vazias. Já a não-pessoa, o *ele*,

³ “O corpo falante é, assim, o lugar onde os dois extremos da língua que portam o traço unário juntos ressoam para que nasça, pelo som, a pessoa. Um corpo surge no deslizamento significante, fixado de significante em significante. Corpo que se mantém numa fixação desfalecente: ela se desfaz na palavra atual para se restabelecer na seguinte, no fio da marcha significante, no fio do dis-curso” (DUFOUR, 2000, p. 48).

“representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 282), a saber, a não-pessoa é uma posição discursiva e oposição à pessoa que enuncia (eu locutor).

Essa posição teórica do Filósofo, em conjunto com a base teórica benvenistiana, surge como elementos a fim de construir uma ponte para a análise do personagem-narrador na obra que se escolheu para analisar neste artigo, tendo em vista o pronome *ele* marcado em uma posição fora da correlação de pessoa pela díade *eu-tu*, porém, autenticando a sua presença no campo da sua ausência.

A ausência como presença na literatura: *O Estrangeiro*, de Albert Camus

A partir da discussão pronominal que pode ser acompanhada em Dufour, sobretudo acerca do papel do *ele* nas repartições diádicas apresentadas pelo Filósofo⁴, aflora-se a inquietação sobre o papel do *ele*, o ausente, na obra literária. Diante dessa inquietação, apresenta-se aqui a obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus, para ilustrar como a ausência se presentifica na literatura.

Além disso, a leitura do livro é um ponto que faz com que a discussão sobre o dispositivo pronominal se aprofunde ainda mais, pois apontou-se até o momento proposições que provocam uma análise no texto literário, trazendo luz para a personagem da obra de Camus, que daquela que tem seu espaço garantido nas interlocuções passa a ser deslocada da relação intersubjetivante entre *eu-tu*.

Em *O Estrangeiro*, obra lançada em 1942, a análise do personagem-narrador, aqui proposta, surge de uma alternância no espaço discursivo que a obra propicia, a fim de evocar possibilidades de análises e produções de novos sentidos do texto literário. O espaço habitado pela personagem, sobretudo as relações que se estabelecem e se constroem na linguagem do texto, estão ligadas através dos atos e das experiências que produzem sempre novos acontecimentos na narrativa.

Pensar na literatura como uma nova forma de produções de sentidos, a partir da análise linguística, potencializa com que o objeto analisado seja visto com o escopo da teoria dos estudos da linguagem realizando, por exemplo, um estudo pronominal no texto em observação.

⁴ “Há, no conjunto de três termos *eu'-tu/ele*", um conjunto de relações: a relação unária do "eu" reflexivo, a relação trinitária dos três termos entre eles, diversas relações diádicas: "*eu*" e "*tu*", "*eu* e *tu*" e "*ele*", "*tu*" e "*ele*” (DUFOUR, 2000, p. 102).

Em *O Estrangeiro*, há Meursault, personagem central da obra, que também narra os acontecimentos nas duas partes do livro de Albert Camus. Enquanto propõe e enuncia, na primeira parte do livro, narrando os acontecimentos sobre si e convocando os outros personagens para participar da sua história, o personagem é visto, posteriormente, excluído nos diálogos que participa. Essa narrativa de Meursault faz com que sua personalidade seja vista como um problema para os outros que constituem o seu espaço.

A obra inicia com o personagem-narrador contando sobre a morte de sua mãe, plano central da obra de Camus: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: ‘sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames’ isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem” (CAMUS, 2014, p. 13). Por mais que Meursault compareça ao enterro, a sua maneira de expressar os sentimentos com relação à morte da mãe e algumas falas para os outros com quem estabelece o processo intersubjetivo diante da transitividade pronominal são vistos como vazios e insensíveis: “- *Fecharam-no, mas eu vou desaparafusar o caixão para que o senhor possa vê-la.* – Aproximava-se do caixão quando eu o detive: - *Não quer? – Não – Respondi*” (2014, p. 15).

Interrogado pelo juiz de instrução sobre o assassinato que cometeu no final da primeira parte, Meursault é julgado sobre a sua personalidade, por sua frieza e naturalidade tanto ao seu enfrentamento quanto à morte de sua mãe. Ademais, é no próprio julgamento que o advogado de Meursault diz: “- *Afinal, ele é acusado de ter enterrado a mãe ou de matar um homem?*” (2014, p. 90). É retomado no julgamento, através dos personagens que estabeleciam consigo o processo de reversibilidade do *eu* e do *tu*, as ações provocadas por Meursault; não somente por conta do assassinato, mas sobre a sua própria maneira de experienciar a vida.

A partir desse interrogatório, Meursault passa a ser deslocado do espaço discursivo, atuando somente quando mencionado e, mesmo assim, com restrições quanto ao que deveria expor e por quanto tempo poderia se pronunciar. É visto, a partir de uma leitura feita em Meursault, um sintoma de estrangeirismo no personagem-narrador, relacionando-se ao sentimento de solidão e que coloca em pauta as discussões sobre experiência dentro da linguagem poética.

O estrangeirismo do personagem-narrador, como uma perspectiva de encontro, principalmente quando este encontro é realizado consigo mesmo através, por exemplo, da solidão, se mostra em meio à leitura da obra de Camus. Tal solidão, ou sintoma de desamparo, é reconhecido através da sua personagem principal. Meursault se indaga diversas vezes sobre o

espaço de fala que lhe é retirado. O direito de dizer *eu* lhe é tolhido, ocasionando uma exclusão no processo comunicativo. Quando lhe é dada a palavra, ela também é controlada, reduzindo sua condição intersubjetiva.

Limitavam-se a pedir-me que precisasse certos itens das minhas declarações anteriores. Ou, então, o juiz discutia as acusações com o advogado. Mas na verdade não se ocupavam nunca de mim nessas ocasiões. Pouco a pouco, em todo caso, o tom do interrogatório mudou. Parecia que o juiz já não se interessava por mim e que de algum modo tinha arquivado o meu caso. O resultado é que as nossas entrevistas se tornaram mais cordiais. Algumas perguntas, um pouco de conversa com o meu advogado e os interrogatórios acabavam. O caso seguia o seu curso, segundo a própria expressão do juiz. Às vezes, quando a conversa era de ordem geral, eles também me deixavam participar. (CAMUS, 2014, p. 69).

Meursault, portanto, é colocando em oposição ao *eu-tu*, deixando de colocar-se, também, como aquele *eu* que enuncia, para estar sujeito a uma sociedade que determina o seu lugar naquele espaço de existência “mas a mim parecia-me que me afastavam ainda mais do caso, reduziam-me a zero e, de certa forma, substituíam-me” (2014, p. 95). Para que o sujeito possa existir, através do que se pode ler em Dufour, é necessário que o indivíduo faça parte destes espaços e são nestes espaços que, naturalmente, ocorrem relações contratuais. São nesses espaços que ocorrem o surgimento do sujeito e a sua desapareção diante do seu “trajeto no mundo simbólico” (DUFOUR, 2000, p. 78).

O deslocamento é gradual, e Meursault se encontra cada vez mais distante do espaço de presença. Porém, a sua ausência está ali, no “*aqui e agora, alhures e num outro tempo* – até mesmo fora do tempo” (DUFOUR, 2000, p. 90) *re-presentada*, pois, enquanto julgam a sua vida tomando a palavra ao invés de pedir para Meursault enunciar, há um sujeito, um terceiro, ausente no discurso entre um *eu* e um *tu*.

O *ele*, a não-pessoa, o ausente, realiza o ato da sua ausência na presentificação da transitividade intersubjetivante do *eu* e do *tu*, pois o *ele* “torna possível a cena da representação” (2000, p. 90). Segundo Dufour, “o marco temporal do discurso é interior ao discurso, como diz Benveniste, mas esta interioridade só pode se estabelecer efetivamente com relação a uma exterioridade” (2000, p. 91), ou seja, a presença do oposto à díade, do ausente, desse *outro* após a *disjunção*, é necessário e suficiente para a sua copresença no *aqui* e no *agora* da relação inclusiva de *eu* e *tu*. Segundo Dufour, o *ele*, o ausente, configura a possibilidade de linguagem, pois “é necessário um terceiro, externo, para que dois, copresentes, sejam” (DUFOUR, 2000,

p. 106). O *ele* designa "uma ausência representada no campo da presença" (2000, p.106-107) logo, sem o *ele*, não há *eu* e nem *tu*.

Por mais que Meursault esteja sendo deslocado cada vez mais daquele espaço, se autentica a sua presença, mas a sua ausência, segundo o que se pode ler em Dufour, é reduzida a zero⁵. Assim como propõe Benveniste, quando discute acerca dos "signos vazios" em *Natureza dos Pronomes* (1956), tem-se o preenchimento das "conchas vazias" (DUFOUR, 2000, p. 74), anteriormente mencionado através das palavras de Teixeira (2012, p. 446), a fim de mostrar que são nessas conchas vazias que se autentifica e se atualiza a capacidade de simbolizar.

A existência humana é partilhada em meio aos cenários que compõem essa relação intersubjetiva, seja ela no conjunto *eu* e *tu*, seja ela no conjunto *eu-tu/ele*. Ademais, Dufour mostra, de início, que a discussão sobre o dispositivo pronominal, nessa relação entre os pronomes que se desenrola dentro da língua é muito mais do que uma discussão meramente linguística. A forma como organizam-se as relações interpessoais, isto é, a forma como organiza-se a sociedade, em última instância, a existência.

Considerações finais

Através do estudo proposto, pode-se imergir nos estudos da linguagem a fim de compreender a maneira do sujeito experimentar a sua subjetividade em meio aos outros sujeitos na sociedade. Tem-se, com isso, o processo de intersubjetividade, que se instaura e constrói as relações através da reversibilidade proporcionada pelo acesso à língua pelo homem. Esse acesso do homem pela língua na linguagem é o que permite a constituição da sociedade e promove essa construção do social diariamente, assim como, através dela, se pode promover a exclusão, mediante a utilização da terceira pessoa pronominal.

⁵ Segundo Benveniste (2005), assim como foi mencionado anteriormente neste artigo, a posição de *ele* pode gerar dois exemplos a partir do emprego dessa terceira pessoa: "Essa posição totalmente particular de terceira pessoa explica alguns dos seus empregos particulares no domínio da "palavra". Podemos ligá-las a duas expressões de valor oposto. *Ele* (ou ela) pode servir de forma de alocução em face de alguém que está presente quando se quer subtraí-lo à esfera pessoal do "tu" (vós). De um lado, à maneira de reverência: é forma de polidez (empregada em italiano, alemão ou nas formas de "majestade") que eleva o interlocutor acima da condição de pessoa e da relação de homem a homem. De outro lado, em testemunho de menosprezo, para rebaixar aquele que não merece nem mesmo que alguém se dirija "pessoalmente" a ele. Da sua função de forma não pessoal, a "terceira pessoa" tira essa capacidade de se tornar igualmente bem uma forma e respeito que faz de um ser muito mais que uma pessoa e uma forma de ultraje que pode anulá-la como pessoa" (BENVENISTE, 2005, p. 254).

Sabendo que a reversibilidade entre um *eu* e um *tu* é a possibilidade de intersubjetividade, a ilustração feita a partir da obra *O Estrangeiro*, de Camus, mostra que o narrador-personagem sente-se deslocado desse espaço do *eu* e do *tu* seja colocado em uma instância de *ele*. Assim sendo, *o homem é trinitário* para Dufour, por buscar, em meio ao seu acesso na e pela linguagem, uma presença dentro do espaço discursivo. Como já foi apontado anteriormente, falar sobre o trinitário é falar sobre o acesso do homem à língua, antes mesmo do dogma cristão e do mistério da santíssima Trindade. Falar sobre o trinitário é conhecer “múltiplas atualizações” (DUFOUR, 2000, p. 9), seguir produzindo e atualizando a existência e a constante produção no campo narrativo.

Ademais, quando se busca discutir o pensamento trinitário, está sendo tratado sobre as maneiras de se atualizar a experiência através das relações intersubjetivas. Ou seja, se trabalha com a transitividade pronominal diante do dispositivo pronominal trinitário. A díade binária do *eu-tu* é denotada de presença quando se tem a ausência da disjunção (*/ele*) presente através da troca entre o *eu* e o *tu*. Se *eu* fala para um *tu*, está sendo falado de um terceiro, do *ele*.

Segundo Dufour, “‘*eu*’, ‘*tu*’ e ‘*ele*’ representam o laço social mínimo, uma arqui-socialidade: para que dois estejam juntos, aqui, é preciso que um outro esteja ali, ausente” (DUFOUR, 2000, p. 155). Não é por acaso que se parte neste artigo dos estudos de linguagem e do dispositivo pronominal para pensar como se constrói a margem que é criada para a exclusão de Meursault em *O Estrangeiro*. Só se pode ter consciência dessa relação entre a obra e os princípios fundadores, conforme propostos por Benveniste e Dufour, utilizados para análise do texto, quando é compreendido que a cultura construída pela obra revela os valores que estão na língua, compondo uma rede atualizada entre o sujeito e a produção literária, entre o sujeito e a história.

As sucessivas experiências vivenciadas e experimentadas diante dessas relações intersubjetivas caracterizam e afirmam o trinitário, pois o sujeito está sempre atestando uma exterioridade além de dois, de uma díade *eu-tu*. A alteridade, e a falta de alteridade, vista no texto literário cotejado, proporciona uma análise frutífera aos estudos de linguagem, sobretudo quando se enxerga na literatura um espaço para compreender as possibilidades de exploração da não-pessoa no uso discursivo, afinal, “*ele* faz ver aquilo que não está presente. *Ele* re-presenta o que está ausente. Em outros termos, *ele* torna possível a cena da representação” (DUFOUR, 2000, p. 90).

Meursault é o personagem-narrador desse cenário narrativo que, mesmo excluído em grande parte da segunda parte em *O Estrangeiro*, tem a sua ausência sempre representada no campo discursivo do *eu* e do *tu*. Com isso, é interessante acompanhar a trajetória da personagem-narrador que, mesmo estando de fora do processo inersubjetivante do *eu* e do *tu*, fazendo como que Meursault seja deixado fora do espaço interlocutivo, ele consiga olhar de fora para as alocações.

A obra propicia a retomada de pontos cruciais para imergir nas questões sobre subjetividade, a partir do percurso narrativo de Meursault e, utilizando do arcabouço teórico referenciado neste artigo, acredita-se que a obra tem um potencial para ser analisada nos estudos da linguagem.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editora, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes Editora, 2006.

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946). In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

BENVENISTE, Émile. Natureza dos pronomes (1956). In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem (1958). In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana (1965). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem (1966). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

BENVENISTE, Émile. Semiologia da língua (1969). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação (1970). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. *O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise*

enunciativa de A Metamorfose. Dissertação. 2005. 126 pgs. (Mestrado em linguística aplicada). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2005.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. Enunciação e literatura: contribuições da teoria da linguagem e do estudo dos pronomes de Émile Benveniste. *ReVEL*, edição especial n. 11, 2016. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=42>>. Acesso em: 05 jul. 2022.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. Trad. Dulce Duque Estrada.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* - v. 8 - n. 1 - p. 71-83 - jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2639>>. Acesso em: 05 jul. 2022.

TEIXEIRA, Marlene. "A linguagem serve para viver": contribuição de Benveniste para análises no campo aplicado. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.15, n.2, p. 439-456, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>>. Acesso em: 05 jul. 2022.

TEIXEIRA, Marlene. O ato enunciativo e a instauração da experiência de trabalho de profissionais de enfermagem. *Revista Moara*, ISSN 0104-0944 (Impresso), n.38, jul.-dez., Estudos Linguísticos, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1269>>. Acesso em: 05 jul. 2022.